

Sobre a Verleugnung¹

Antonia Portela Magalhães

Levando em conta que o texto que nos orienta nesta jornada é: “A Direção do Tratamento e os Princípios de seu Poder”, dos Escritos de Jacques Lacan, vou articular algumas passagens que considero fundamentais neste texto, em relação às questões que quero trabalhar sobre o operador da perversão, a *Verleugnung*, enquanto estrutura da perversão que aponta para a estrutura do sujeito, no que diz respeito a um ponto crucial na direção da análise, que é o fantasma.

Lacan, logo no início do texto, diz que nos pretende mostrar como a impotência em sustentar autenticamente uma práxis se reduz, como é comum, na história dos homens, ao exercício de um poder. Penso que isto tem a ver com esse ponto da *Verleugnung*. E, então, pergunto: o que é sustentar autenticamente uma práxis? E onde ela pode ficar reduzida ao exercício do poder?

Numa outra passagem do texto, diz: o psicanalista dirige o tratamento, mas de modo algum deve dirigir o paciente, nós, os analistas, o sabemos, mas será que isto é assim tão simples? Lacan diz ainda que existem pagamentos a serem feitos e que não só o paciente tem dificuldades em entrar com a sua cota de pagamento, mas que o analista também tem que pagar. Paga com palavras e, se a transmutação que elas sofrem pela operação analítica as eleva a seu efeito de interpretação, paga com sua pessoa, uma vez que, haja o que houver, ele a empresta como suporte dos fenômenos singulares que a análise descobriu na transferência. E ele tem que pagar com o que há de essencial em seu juízo mais íntimo, para intervir numa ação que vai ao cerne do ser: seria o analista o único a ficar fora do jogo? Sabemos, então, quais os pagamentos que o analista precisa fazer. Mas será que basta saber desta maneira?

Lacan diz, ainda, que colocará mais uma vez o analista na berlinda, para observar que, quanto mais interessado ele está no seu ser, menos seguro é de sua ação. Trata-se, então, de pagar com a perda de algo que o analista vem sustentando em seu ser.

¹ Trabalho apresentado na IV Jornada Brasileira de Convergência, 30 e 31 de maio de 2003, Porto Alegre.

Penso que Lacan, em todo este texto, nos convida firmemente a pensar as questões do trabalho analítico, interrogando-nos, enquanto praticantes.

Como já disse, o ponto que me interessa interrogar neste trabalho é o da recusa, o da renegação da castração: a *Verleugnung*. Por isso, em relação às passagens do texto em questão, que mencionei até agora, pergunto, a respeito do saber - quando é que o saber não se conjuga com o poder? - pois, às vezes, se sabe, mas, em outro lugar, se recusa esse saber, aparecendo com predominância um saber intelectual, aí mesmo, onde se recusa o saber que é preciso entrar, o saber da castração.

A *Verleugnung* é um ponto pouco citado por Lacan em seus *Seminários* e nos *Escritos*. Por exemplo, nos *Escritos*, ele não usa o termo nem uma só vez, pelo menos que eu o tenha encontrado e, também, no índice de palavras, não está enumerado. O que não significa que Lacan não trabalhe a *Verleugnung* nos seus *Seminários* e nos *Escritos*.

Tomo, agora, do texto “A Direção da Cura e o Princípio de seu Poder”, duas citações de Lacan que têm a ver com a *Verleugnung*:

- 1- “A função desse significante, o falo, como tal, na busca do desejo, realmente é, como a situou Freud, a chave do que é preciso saber para terminar suas análises: e nenhum artifício suprirá o que falta para alcançar esse fim” (pág. 636);
- 2- “(...) a recusa da castração, se há algo que com ela se pareça, é, antes de mais nada, uma recusa da castração do Outro [da mãe, em primeiro lugar]” (pág. 638).

A posição do sujeito em relação à Castração, na sua articulação com o complexo de Édipo, tem a ver com o falo em sua função. Essa posição diz das condições estruturais em que está o sujeito em relação à falta, enquanto falta de pênis na mãe. Esta é a posição a que uma análise dá acesso, onde, aí, cada um veio fazendo como pôde.

Freud, em “O Fetichismo”, diz que, no fetiche, não se trata de nenhum sintoma. Este raramente é sentido como um sintoma de uma doença que se faça acompanhar por um sofrimento. Ao contrário, o fetiche até mesmo facilita a vida erótica. É por isso que Freud indica que só nos inteiramos do papel do fetiche, na economia libidinal do sujeito, por acréscimo, pois este não faz parte do material comunicável. O fetiche é um substituto do pênis, mas não qualquer pênis, mas um pênis que foi muito especial para o feticlista na sua

infância. Posteriormente, este deveria ter sido perdido, abandonado. No entanto, o fetiche se destina a preservar da extinção este pênis muito especial.

O fetiche é um substituto do pênis na mulher, na mãe (primeiro Outro), em que o menino outrora acreditou e que não deseja abandonar. Acontece, então, que o menino se recusou a tomar conhecimento do fato de ter percebido que a mulher (a mãe) não tem pênis. Freud nos diz ainda que a criança, depois que faz sua observação da mulher, não mais pode conservar inalterada sua crença de que as mulheres possuem um falo. Retém a crença, mas também a abandona. Em sua mente, a mulher teve um pênis, a despeito de tudo, mas esse pênis não é mais o mesmo de antes, outra coisa tomou o seu lugar, como seu substituto. É este substituto que toma agora maior interesse. O fetiche, ou outro substituto que foi a esse lugar, tem a função de manter um indício de triunfo sobre a ameaça de castração e uma proteção contra ela. Tanto a rejeição quanto a afirmação da castração encontram caminho na construção do fetiche.

O fetiche não é produto do retorno do reprimido, é produto de um processo de substituição, portanto, não é um sintoma, porque a substituição não se produz pela via significativa da repressão, ele se produz pela via objetual do desmentido. Como Freud nos indica, trata-se, aqui, do falo faltante na mãe. Poderíamos dizer que é uma substituição homologável ao que Lacan coloca como condição da sexuação: a substituição do Outro pelo objeto *a*, que, desta maneira, resulta entronizado na fórmula do fantasma, designando assim a estrutura perversa do fantasma, a condição fetichista do objeto. O que o fetichismo nos mostra, então, é que o desejo se sustenta num objeto que se fixa e que substitui a falta.

Neste texto, Freud diz que não precisamos de novos termos para tratar o que ocorre no fetichismo, que, por um lado, se trata da repressão, no que tange ao afeto, e que, a respeito da representação da idéia, o de que se trata é da renegação (recusa) a respeito da realidade, ou da percepção.

Há, portanto, uma repressão, mas que se diferencia da neurose. A articulação da *Versagung* e da *Verleugnung* está entre ruptura de promessa e divisão do sujeito pelo objeto. A *Versagung* faz a constituição da demanda e a *Verleugnung*, como posição, faz com que, a respeito da demanda, não se trate nem de satisfazê-la nem de não a satisfazer, senão de sustentá-la, na espera de poder escutá-la em suas razões.

No que diz respeito à *Verdrangung*, à repressão, tudo se joga no plano simbólico; uma mesma coisa em dois estados: é minha mãe; não é minha mãe. Trata-se, aqui, da *Verneignung*, que põe uma negação em jogo.

No que diz respeito à *Verleugnung*, à recusa, à renegação, há uma esquizia em função, ou seja, uma dupla afirmação que se joga ao mesmo tempo: de maneira simultânea se afirma e se recusa a falta, e as duas coisas se sustentam, colocando em jogo, para o sujeito, uma esquizia em função. Esta operação corresponde a um real que não está em jogo na repressão secundária, pelo menos não está da mesma maneira que está na *Verdrangung*.

Freud nos diz ainda que o desejo é o motor da operação de recusa, de renegação. O desejo de encontrar este falo na mãe, sem chegar à alucinação, é o que faz esta operação de depreciação ou renegação da realidade de percepção. O fetiche nos mostra que o desejo se sustenta num objeto que fixa e substitui a falta, o objeto aqui é um desejo.

Trata-se, no caso, da demanda ou do desejo do Outro? Seria uma demanda ou um desejo do Outro de sustentar uma semelhança, uma identidade, um ser?

Sempre que falamos da dimensão da falta, é muito difícil escapar à dimensão renegatória que esta implica, e isto é o que aponta para o fantasma. Existe um deslocamento quase automático, que se produz no discurso: pensar que, se existe a falta, é porque algo falta, o que leva a pensar que bastaria, então, encontrá-lo. Isto é o que faz o perverso, “ele o encontra”, o objeto aqui é um desejo. Mas existem pontos importantes que se derivam dessa duplicidade: afirmação e recusa. Esse sujeito faz coisas aí, coisas que põem em jogo uma crença que o faz fazer de uma determinada maneira e, ao mesmo tempo, renegar sua crença no Outro. A *Verleugnung* coloca-nos diante da mesma tessitura, da mesma estrutura da qual se constitui o fantasma. O fantasma conjuga o campo da certeza e da crença. Existe no perverso, em relação à falta, um ponto de aparência mágico. Esse ponto mágico é que exista uma falta onde não falta nada e a crença de que pode tapá-la com seu ser.

Por isso, a perversão está na mesma situação em que qualquer sujeito se encontra, quando se trata da superação desta alienação a respeito do gozo que se desprende da sexualização do Outro, ou seja, faz do Outro seu *partner*, tomando apoio no outro, e introduz uma diferença fundamental com a neurose.

Podemos dizer, então, que há uma relação entre a perversão e a estrutura do fantasma, estas estruturas são quase equivalentes, no sentido de que o fantasma está construído

segundo uma lógica perversa: $\$ \hat{a}$ – sujeito barrado punção de **a** – a notação do fantasma põe o sujeito em relação ao objeto. No fantasma, trata-se do objeto que tem a ver com o outro, $i(a)$, e com o objeto. Nesse sentido, todo fantasma é perverso, porque põe o sujeito em relação com o objeto.

A perversão, assim como a neurose, partem da alienação que o sujeito sofre em relação ao Outro, em termos da sexuação do Outro. Mas, na perversão, não se trata, como no neurótico, de ser o Um do Outro. A sua vertente não é tapar a falta do Outro, a sua via é fazer as vezes daquilo que falta ao Outro. O perverso, diz Lacan, não vai tratar de ser o Um do Outro, ele vai tapar essa falta no Outro e essa falta ele só a tapa como objeto.

A quase equivalência da perversão com o fantasma tem a ver com que, no fantasma, o sujeito que tenta fazer as vezes de objeto para o outro, em relação ao que falta ao Outro, ele mesmo se constrói como objeto em relação à falta no Outro. Qualquer sujeito se constitui a partir da extração de algo do Outro e este algo que se extrai do Outro é o objeto **a**. O sujeito precisa passar pela perversão na estrutura, e o perverso mostra a lógica.

O neurótico vai-nos mostrar, vai-nos lembrar o objeto que falta, ou seja, o objeto que ele é para o Outro, ele está como objeto para o Outro, só que não se percebe objeto. Já a perversão nos mostra que há ao menos um que crê que a mãe não está castrada. E, ao sustentar esta crença, crê na existência do Outro mais além do sujeito, faz existir o Outro independentemente de sua relação com o sujeito. O que fabrica e sustenta a perversão, como diz Lacan, **é a fé** na existência do Outro.

O perverso sustenta esta fé, esta crença na existência do Outro. E esta fé ele a sustenta enquanto sabe que o Outro não é seu *partner*, mas o fato mesmo de saber que não é seu *partner* conserva o Outro como existente e consistente, ou seja, sem falta. A perversão, em relação à falta, consegue afirmar algo ali como faltante, onde há algo sem falta (a castração na mãe) - isso mesmo conserva sua fé, sua crença, o que, por sua vez, também é condição para não crer nisso. O objeto vai indicar sempre a falta. E é aí onde o sujeito, em relação à perversão, fracassa, porque ele se faz objeto dessa falta para que essa falta não exista, e, nesse sentido, vai completar essa instância que é o Outro. Há, portanto uma completude do Outro na sexuação, que é sustentada pela fé do perverso, a qual não é alheia à neurose. A perversão é uma defesa com relação à castração, enquanto se trata de manter, de fazer

intermitente o que não o é, o desejo. Então, esta posição é uma defesa contra o desejo, uma vez que o desejo é a falha estrutural.

A perversão vai-nos transmitir uma relação com a falta que não existe na neurose. Existe um saber perverso, pois, quando se trata do desejo de saber, está em jogo uma construção que o sujeito precisa fazer. Precisa construir, em relação ao desejo de saber, para poder estar em relação com o seu próprio desejo. Mas este saber que há a respeito do desejo, que está no fantasma, é um saber perverso. Então, existe um saber da perversão, que é necessário ser construído, como condição da estrutura, que só existe sob a forma de um saber perverso, forma de renegação, de abrir e fechar os olhos, que implica a negação desta permanência e uma impassibilidade do desejo.

A questão é estrutural, enquanto há algo da perversão, que é inerente à conformação do fantasma, trata-se de que o desejo tem uma relação com a perversão, sem que ele, o desejo, seja perverso. Quando o desejo é perverso, não é o desejo, porque o que domina na perversão é a pretensão de dominar o tempo do desejo. O neurótico está em relação ao tempo do Outro, e o perverso perdura na relação com o tempo do objeto em que ele se conforma, em que ele toma forma, forma de ser para tapar este buraco no Outro.

A estratégia do perverso frente à castração é muito diferente da do neurótico. O neurótico se constitui a respeito de uma ignorância em relação ao objeto como terceiro, sempre crê que está em relação com o Outro e não com o objeto. Já o perverso aí não se engana, ele sabe que a questão é em relação ao objeto.

Esse ponto, da recusa da renegação, da rejeição, é estrutural e põe uma questão que está em relação com o desejo e sua satisfação, uma satisfação que é sempre parcial.

Na neurose, há um rechaço que o sujeito pode sofrer e perceber em relação ao Outro, é algo que está em relação à falta, no sentido daquilo que faz falta ao sujeito. Na neurose, dá-se uma relação de criação do sujeito em relação a seu desejo, em relação à sua castração, e o que fica é uma posição de exclusão, e isto é por estrutura, esta rejeição é estrutural.

Na perversão, diz Lacan, não há este rechaço, esta necessidade de exclusão que há na neurose, aqui, a invenção é outra, ele oferece seu ser através de um contrato. Lacan diz: “a perversão exige sempre um contrato e um contrato que está escrito”. No neurótico, não está escrito. Há, portanto, uma função da letra, que é diferente no neurótico e no perverso. Na

perversão, a letra é necessária para estabelecer um contrato em relação à castração do Outro, isto é, a Mãe.

O neurótico se oferece em sacrifício para criar esta demanda do Outro e vai, através dela própria, excluir-se ou ser rejeitado. Vai dizer que não o amam, que não o querem, que lhe falta amor. Demanda para ser rejeitado, para criar a demanda.

Portanto, o neurótico tenta saber o que há a oferecer, mas isto se dá sob a condição de ser rejeitado.

O perverso se ocupa de saber o que há a oferecer, portanto, ele se oferece e diz que sabe o que há a oferecer, está decidido, e é por isso que exerce uma atração e um domínio sobre o neurótico. Ele sabe o que há a oferecer, mas não sabe onde está a falta neste saber. Uma vez que isto fosse possível, poderíamos dizer que seria uma criação do Outro do Outro, que é o que tenta fazer o perverso, mas é o que não seria possível, do ponto de vista da estrutura da linguagem.

A falta no perverso está em que ele sabe o que há a oferecer, o falo, mas ele não sabe a quem, ou seja, o que ele não sabe é a quem pertence o falo.

Isso é o que a posição perversa ignora, e é o que nos mostra o fetichismo, uma vez que o sujeito se recusa a tomar em conta a quem pertence o falo. Portanto, o que nos mostra o fetichismo é uma tentativa de não encontrar a castração, ou melhor, ele a encontra, mas se recusa a tomá-la e mantém a pergunta: onde está a castração?

Esta é uma questão com a qual o analista se encontra numa análise: a travessia da lógica do fantasma. Como diz Lacan na “Direção do Tratamento e o Princípio de seus Poderes”:

1- “A função desse significante [falo] como tal, na busca do desejo, realmente é, como a situou Freud, a chave do que é preciso saber para terminar suas análises: e nenhum artifício suprirá o que falta para alcançar esse fim”.

2- “(...) a recusa da castração, se há algo que com ela se pareça, é, antes de mais nada, uma recusa da castração do Outro” [da mãe, em primeiro lugar].